

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Carlos Rosário Almeida

registada em 2009-02-02
por

Cláudia Simões e Carla Aguiar

Carlos Rosário Almeida

Carlos Rosário de Almeida, nasceu na Portela da Cerdeira a 28 de Agosto de 1929. É um dos nove filhos de José Augusto de Almeida e Maria do Rosário de Jesus, ambos da Cerdeira. O pai andava com os bois enquanto a mãe olhava pelos filhos. Começou a trabalhar cedo com 7 anos “a tratar das cabritas e tal”. Só andou na escola um ano, mas recorda-se dos castigos porque “a professora era brava”. Casou-se aos 24 anos, levou um fato preto, a esposa “ia com véu e tudo. Era da cor do pano, branco. Aquilo enfiado no cimo na cabeça, aquelas redes, e o ramo da laranjeira.” Está casado há 56 anos, tem dois filhos, três netos e dois bisnetos. Do seu percurso profissional destaca o ofício de estucador, “a minha vida foi estucador. Andava a dar serventia e aprendi o ofício. Ainda aprendi muito com os antigos.” Trabalhou até aos 63 anos.

Índice

Identificação Carlos Rosário de Almeida.....	4
Ascendência José Augusto de Almeida e Maria do Rosário de Jesus.....	4
Casa Uma casa à antiga.....	4
Infância "Macacos éramos a gente".....	5
Educação De réguas compridas cheias de buracos.....	5
Namoro "Comecei a namorar ela com 15 anos".....	6
Casamento Um casamento com muito amor.....	6
Descendência Uma grande família.....	8
Religião "Já sabiam que ele queria só normas".....	8
Percurso profissional Uma vida de trabalho.....	9
Costumes Uma aldeia rica em lugares e tradições.....	13
Lugar Uma aldeia cheia de atrações.....	17
Quotidiano Um dia-a-dia calmo.....	18
Sonhos A família sempre em primeiro.....	19
Avaliação "Oxalá que vocês daqui a um ano cá voltem".....	19

Identificação *Carlos Rosário de Almeida*



Carlos Rosário de Almeida, com 40 anos (1969)

O meu nome é Carlos Rosário de Almeida. Nasci na Portela da Cerdeira a 28 de Agosto de 1929. Não sei a que horas nasci. A minha mãe não me disse e eu não me lembra quando estava a nascer.

Ascendência *José Augusto de Almeida e Maria do Rosário de Jesus*

O meu pai era José Augusto de Almeida e a minha mãe Maria do Rosário de Jesus. Eram da Cerdeira.

O meu pai andava com bois dele e de outros a trabalhar. Depois a minha mãe teve que vender aquilo tudo. Ficou só com os bois.

A minha mãe estava a olhar pela gente, coitada. Éramos nove.

Cultivava-se batata e feijões e semeava-se milho. Ia-se roçar mato e traziam-se os molhos para pôr debaixo dos animais. Matava-se o porco para todo o ano, mas eram porcos bons. Naquele tempo a carne era mais gostosa. Depois tinha as sementeiras. Arrancava-se batatas, apanhava-se o milho, apanhava-se os feijões e sucessivamente.

Casa *Uma casa à antiga*

A minha casa e dos meus pais era uma casa ainda grande. Até tinha uma taberna, mercearia e panos. Tinha a loja por baixo e por cima era onde morávamos. Tinha dois quartos. Dormíamos lá alternados, os filhos, uns com os outros. Não havia divisões demais. Dormíamos na sala, onde calhava, uns com os outros, pequenitos. A cozinha era antiga, no chão tinha uma fogueira e uma panela a trabalhar. Umas de barro outras de ferro, de três pernas. Era à antiga e a gente criáramo-nos.

Infância "*Macacos éramos a gente*"

Oh, lembro-me de muita coisa, mas eu é que não conto tudo que é muito. Nunca mais me calava. Eu era o mais velho. Comecei a trabalhar mais novo. Ainda fui cedo para a escola. Não cheguei a andar todo o ano, para começar a tratar das cabritas e tal. Tirou-me da escola aos 7 anos. A minha mãe não podia, foi quando estava para nascer a minha irmã. O meu pai tinha bois. Andava a levar a ceifa aos molhos às costas, para os bois comerem.

Nesse tempo não havia brincadeiras. Macacos éramos a gente. Naquele tempo não era como agora. Agora são macacos, mas são mais espertos que a gente. A brincadeira era o Carnaval.

Iam-se pedir as Janeiras. Dia 3 ia-se pedir os Reis. Depois juntavam-se. Fazia-se um baile, toca a dançar uns com os outros. As chouriças e o que nos davam, íamos assar ao pé dos cepos, comíamos e depois toca a dançar. Era a tocar ou uma harmónica ou uma guitarra e depois cantávamos.

Educação *De réguas compridas cheias de buracos*

Fui à escola, não cheguei a andar lá um ano. Entrei aos 7, naquele tempo. Quando chegou quase ao fim dos 7 anos saí para a rua. Nunca mais fui.

A escola era grande. Era ampla, com cadeiras. Eram 60 alunos que lá andávamos.

A professora era brava, não é como agora. Agora é que lhes haviam de ensinar a estes. Era porrada em cima. Era de réguas compridas cheias de buracos, até com elas de esguelha nas mãos. E umas canas daquelas grandes, grossas, para bater na cabeça à gente, que isso era por causa do cabelo não medrar. Eram canas do tamanho aí de 40 centímetros talvez, ou 50, para baterem à gente. Agora as professoras não podem bater, é proibido.

Namoro "*Comecei a namorar ela com 15 anos*"

Eu aos 14 anos já andava a namorar. Fui para Lisboa e já eu namorava.

Conhecia a minha mulher de cá, porque andava cá a trabalhar. Os pais dela e ela conheci-os daqui. Conheci-a quando olhei para ela. A idade era quase um do outro. Só a diferença de um ano. E pronto comecei a namorar com ela. Namorámos três anos. Comecei com 15 anos. Depois zanguei-me até ir para a tropa, porque eu andava a namorar com mais duas e ela veio a descobrir e começou a chatear-me a cabeça. Eram porta com porta uma da outra, lá na Dreia, e nenhuma sabia. Só atravessava a porta. Eu saía, ia-me embora e não me viam.

Depois fui para Lisboa e escrevia-lhe. Um dia quando foi de ir às manobras, fui mais um irmão e ela estava em Côja, no Pisão, a servir em casa da professora. A gente estava zangado há três anos. Falei com ela:

- Ouve lá, posso-te escrever uma carta?

- "Isso é contigo. Se quiseres escreves, se não quiseres não escreves."

Eu escrevi-lhe. Mas já estava eu junto com uma lá em Lisboa. Uma rapariga nova. Tinha eu 23 anos e ela tinha 18. Era costureira de alfaiate. Mas antes queria esta. A outra era uma criança ao pé de mim, tinha 18 anos. Agarrei, fui embora. Depois tratámos do casamento.

Casamento *Um casamento com muito amor*

Uma cerimónia tradicional

Casei-me com 24 anos. A mulher é que era com 25. Vim cá para me casar em Janeiro e depois foi só para Abril. Aqui os padres recebem dinheiro dos casamentos.

"Deus te pague!"

Uma vez, o padre pediu-me para lhe afinar os travões, eram daqueles de ferro, e lavar-lhe o carro. Eu cheguei ao pé dele:

- Senhor prior já está pronto.

- "Deus te pague!"

No outro domingo:

- "Deus te pague! Deus te pague!"

Ele não me pagava, eu não recebia nada e precisava de dinheiro.

Quando foi do casamento, lá fomos para a igreja. O padre chegou lá ao pé do altar. Levantei-me nem para ele olhei. Mandou-me assinar, eu assinei. Digo eu assim:

- Então o senhor prior, quanto é que lhe devo?

- "É tanto."

- Então olhe Deus lhe pague. Deus também não me pagou ainda, quando pagar a você paga-me a mim também.

Fui vestido com umas calças, um casaco, uma camisa e uma gravata. Não tinha outra roupa. Era um fato preto. Antigamente usava-se. Depois chegávamos a casa tirávamos aquela roupa e vestíamos uma normal.

Ela ia com véu e tudo. Era da cor do pano, branco. Aquilo enfiado no cimo na cabeça, aquelas redes, e o ramo da laranjeira. Agora já não se usa nada disso.

Houve cerimónia. Comêramos dois dias e já não foi pouco. Eram 50 e tal pessoas. Comemos carne assada, carne de cabra, de chibo ou de ovelha, sopa ou canja, cozido, arroz-doce, tigelada e coscoréis. E vinho quanto queria beber. Eram assim as bodas.

Depois fui para Lisboa e a minha mulher ficou na Benfeita. Eu vinha cá passar o Inverno e vinha no Verão, no dia da festa, em Agosto, e depois ia outra vez. Nesse tempo já pouca gente queria campo. Eu passava sem a minha mulher e ela sem mim. Quando vinha trazia-lhe dinheiro e mandava-lhe quando escrevia. Como é que ela comia? Ela também andava a trabalhar, também fazia muitos dias fora, mas era preciso, para criar os filhos. Depois, quando o meu filho tinha 4 anos e a minha filha 2, é que eles foram para Lisboa.

"Se quem se casa não é para ter responsabilidade não se casa"

No dia do casamento vem lá uma irmã da minha mulher à minha porta eram 11 horas da manhã:

- "Ó Carlos, dá-me aí dinheiro para eu comprar um avental."

E digo-lhe assim:

- A esta hora já me está a pedir dinheiro. Olha vai aí à carteira e estão lá 20 escudos.

Custava 17 o avental.

- É o dinheiro que tenho, não tenho mais nada. Nem mais um tostão.

Podia ter recebido de onde estava a trabalhar. Tinha lá quase um mês para receber. Deu para me ir governando.

Se quem se casa não é para ter responsabilidade, não se casa. Deixa-se ficar. O pai que os ature. Só para ter uma mulher não. O homem tem que gostar da pessoa. Eu gosto muito da minha mulher. Estou casado há 56 anos.

Descendência *Uma grande família*

Tive um casal de filhos. Baptizei-os e casei-os, graças a Deus. Foram os pais que pagaram o casamento.

Os meus filhos estudaram em Lisboa. Foram para lá, ele com 4 anos, ela com 2. Ainda tive que pagar, a quem olhasse por eles, para a mulher poder ir trabalhar. Naquele tempo não havia infantários. Era uma particular que trabalhava lá na escola. Depois acabaram por lá ficar.

O meu filho naquele tempo foi para o Eugénio dos Santos. Tirou o sétimo ano. A minha filha só tirou o exame da quarta classe. Teve um azar, partiu uma perna. Esteve uma data de tempo em que não foi à escola. Já era crescida, andava na quarta classe. Depois foi tirar o resto da quarta classe e não quis estudar mais.

Tenho três netos, duas netas e um neto. E tenho dois bisnetos. Tenho um da menina e tenho outra do irmão, do rapaz.

Religião *"Já sabiam que ele queria só normas"*

Fui à doutrina. Aprendi alguma coisa. Naquele tempo era obrigado. Era o padre velho. Já morreu. Para mim nunca foi mau, mas ele era bruto como uma porta. Quando eu fui para a Cerdeira, ainda me lembro como se fosse hoje, o padre Alípio é que era o padre de lá. Depois foi para lá outro. Já sabiam que ele queria só normas, foram cortar um loureiro grosso, de ramos grandes. Ele não queria grandes, mas levaram aquele, que era maior. Eram sete agarrados a ele. Entraram pela igreja com o tronco para a frente.

Lá os "Alambazes" da Cerdeira são brutos como portas. Lá na Cerdeira chamam-lhe os "Alambazes". Eram, agora até estão mais mansos. E puseram lá o loureiro à frente. Ele queria ver o pessoal e não podia. Aquilo era muito grande, ocupava a igreja toda. Depois ele agarrou e teve de se calar. E para o tirarem?

- "Ah, agora o senhor prior é que vai tirá-lo."

Foi para ele se calar, para lhe meter medo.

Percurso profissional *Uma vida de trabalho*

Aos 12 anos já a trabalhar no campo

Vim para a Benfeita aturar aqui esta gente. Não é muito má. Há uns que não são muito bons, mas outros escapam. Eu vim para aqui com 11 anos porque os meus pais vieram tomar conta de uma fazenda, que era de um da Cerdeira. Comecei a trabalhar aos 12. Trabalhei em oliveiras. Mais ninguém trabalhava.

Naquele tempo eu trazia para comer, nas três refeições, três fatias de pão e três sardinhas. Era uma para o pequeno-almoço, outra para o meio-dia e outra para a merenda. E a cavar terra, mas criei-me. Matava-se o porquito, ia-se comendo, mas era para guardar para quando fossem as sementeiras. Era um porco para todo o ano. Enterrava-se no sal o presunto e assim se passava a vida.

"Fui para as obras acartar massa às costas"



Carlos Rosário de Almeida, com 30 anos (1959)

Depois fui para Lisboa com 14 anos. Estive lá 40 anos. Vinha cá na mesma. Às vezes, vinha cá só no Verão, ou, às vezes, não vinha. Morei em tantos lados. Não morei em casa de ninguém. Era sempre em particulares. A casa não era minha, pagava renda. Numa pagava 50 escudos por mês. Nunca tive casa minha. Quando fui novo morava onde davam de dormir.

Fui para as obras acartar massa às costas, com os baldes aos ombros por aquelas escadas fora. Depois, andei um ano, não quis cá vir, fugi ao meu pai que

ele batia-me muito. Fui-me embora. Fartava-me de trabalhar. Chegava de noite a casa farto de trabalhar, depois de manhã às cinco horas fazia-me ir tratar dos bois e ainda queria um molho de mato à porta para pôr debaixo dos bois. E tudo de noite! E eu fugi. Em Setembro, num sábado fui embora para Lisboa. Nesse Inverno passei lá uma crise, mas disse:

- Bem, antes quero morrer, que ir lá para a terra.

Lá me aguentei. Depois vim cá no outro ano, pelo Natal. Antigamente não se podia estar em Lisboa pelo Natal. Em primeiro, só havia muito trabalho no Verão, do mês de Março em diante. Quando chegava a Novembro o Salazar cortava o preço de vender os andares. Os que eram vendidos por 60 contos, quando era pelo Inverno só se vendia por 30. Ora a gente tínhamos que fugir. Ir apanhar a azeitona, cavar as oliveiras, semear umas batatas e depois em Março voltávamos para Lisboa. Lá se ganhava o dinheiro. No Inverno ninguém tinha onde ganhar o mês. Nem aqueles comerciantes. Pagavam quando calhava. Não havia lá ninguém ao mês como agora. Era uma vida que não era nada fácil.

"Nunca estava parado"

Depois daí fui para padeiro. Trabalhava de noite e de dia ia para as obras. Para aproveitar tudo, que estava mau. Se eu me queria casar, depois não tinha dinheiro. Nesse tempo não o gastei.

Nunca estava parado. Chegava aqui à noite, ao outro dia de manhã já queriam que eu fosse para eles trabalhar. Nunca me deixavam estar quieto. O tio Alfredo, que Deus tem, disse-me para mim um dia:

- "Eu gosto mais de uma hora tua a trabalhar que um dia inteiro um homem. Tu não vais pagar uma congruazita lá para a Junta, para os caminhos, mas tens de fazer isto assim assim, para reparar uma levada este ano."

Era água que ia para regar e tinha que reparar aquilo tudo. Eu não queria receber o dinheiro. Tanto que depois chateei-me. Não quis receber nada e dei-lhe para ele levantar. Ele até se agarrou a mim:

- "Não, não. Toma lá dinheiro."

- Não quero.

Era um belíssimo homem, também. Podia ser mau para alguns, para mim era um belíssimo homem.

"A minha vida foi estucador"

Depois comecei a trabalhar com a ferramenta. Aprendi o ofício de estucador aos 17. A minha vida foi estucador. Andava a dar serventia e aprendi o ofício.

O estuque é cal e gesso. Aprendi a fazer aquela massa, a forrar tectos, a fazer forrões, à antiga, aqueles bonecos. Fazia-se tudo. Aprendi a fazer isso tudo. Agora é que já não aprendem. Aprendem de estucador, mas isso não sabem fazer. Ainda aprendi muito com os antigos. Trabalhei até aos 63 anos. Com o nervoso entreguei e aos 65 vim para aqui para o Centro e cá estou.

Nessa altura sei lá quanto é que ganhava. Fui para lá ganhar, mais ou menos, 22 escudos parece. Ganhava aqui 20. Mas ainda que ganhasse menos, eu não queria cá estar, ia-me embora. Depois agarrei, comecei a trabalhar com a ferramenta, já ganhava 30. Depois fui para os 35.

"Eu sozinho é que aprendo"

Fugia ao domingo de casa. Os empreiteiros eram de cá, agora até são família da minha mulher. Eram, já morreram. Levantava-me de manhã cedo ao domingo ia ao talho comprava um bocado de chispe e chouriça. Dizia ao guarda da obra:

- Dá-me que eu vou experimentar meter uma casa de banho de estuque. Porque se não, assim ando sempre aqui num burro nunca aprendo nada e eu sozinho é que aprendo.

Chegou-me lá o material e eu lá fiz aquilo assentei azulejo por baixo e tal forrei as paredes. E o mestre é muito esquisito e disse:

- Amanhã já sei que sou despedido, na segunda-feira, mas vamos lá ver.

Depois acabei aquilo. Fazia aquilo em meio dia e eu andei lá todo o dia, mas ficou como deve ser. Não sabia se estava bom, se estava mau. Depois vim a saber que estava bom pelo patrão:

- "Ouve lá, então quem é que foi lá meter aquela casa de banho em cima?"

- "Foi lá o seu patrício."

- "Ele? Não pode ser!"

- "Foi, foi."

E eu a ouvir. Agarrei, fui para mudar de roupa. A gente mudava de roupa num quarto e depois vestíamos outra roupa.

- "Ó Carlos anda cá."

E eu:

- Mau. Se calhar já me vou despir, vou-me já embora.

- "Hás-de continuar. Hás-de continuar. Eu andava enganado contigo."

Assim fui abrindo os olhos e aprendi. Até que depois casei-me. Ao fim de lá ter a mulher não vinha cá tantas vezes. Vinha de carro ou vinha de motorizada

de Lisboa para aqui. Vinha cá sozinho de motorizada. Sem parar de lá para aqui, 320 quilómetros de Odivelas para cá, cinco horas.

"Andava ajudante de camioneta quando cá estava"

Depois mais tarde tive um desastre ao fim de um ano de casado. Já tinha o meu filho nascido e ele já tem 55 anos. Foi o dia 9 de Agosto de 1955, em Poiares. Foi na viagem, na camioneta que vinha de lá. Andava de ajudante de camioneta quando cá estava.

Tive o desastre e parti o presunto, por baixo pela perna. Um dedo foi-se embora, foi cosido. Depois deram-me uma tençazita de 15 escudos, uma pensão do seguro. Ainda tinha que ir à Benfeita recebê-los. Gastava 60 ou 65 escudos em cada passagem. Não valia a pena. Mais valia perder aquilo. Depois andei, andei, lá um primo que era da minha mulher, chamado Afonso, agarrou:

- "Oh, eu não sabia que eras tu pá. Ele enganou-me. O teu patrão enganou-me. Se não, não era esse dinheiro que lá punha. Mas tu agora só podes receber isso até aos 65 anos. Recebes junto que eu vou-te tratar disso. E recebes assim um dinheirito."

Lá me tratou disso, lá fui a Coimbra receber o dinheiro. Deram-me 14 contos e não sei quê. Eu fiquei todo contente mesmo assim. Agarrei, trouxe-os para cima. Dei aquilo a um velhote que tinha uma taberna adiante para mo pôr a juros, que trazia dinheiro emprestado de uns e doutros. E fui para Lisboa outra vez.

"Fui trabalhar por minha conta"

A minha mulher não foi ter comigo. Isso era se eu tivesse fugido, não era? Eu é que a chamei. Ela foi lá porque eu a mandei ir porque se não, não ia. O meu filho tinha 4 anos e a minha filha tinha 2, quando foram para Lisboa, para ao pé de mim. Quando o Marcelo Caetano foi lá para o poder, começou a andar aquilo mais. Eu disse:

- É pá, eu andei toda a vida a trabalhar por conta dos outros. Estou tramado. E a mulher mal empregada.

Coitada, aquilo era ruim, era com discos de travões, aqueles pós com a broca a trabalhar. Por isso é que ela está doente. Então fui trabalhar por minha conta. O dinheiro era para eu saber quanto é que havia de pagar. Não ia trabalhar sem ter dinheiro. O patrão não me dava o dinheiro logo. Iam para casa, iam-se embora e era uma pouca-vergonha. Então fui trabalhar por minha conta. Fui até vir para aqui. Era eu e um sócio. Trazíamos 50 operários. E assim passou o resto da vida.

Costumes Uma aldeia rica em lugares e tradições

"Tão bem feita esta capela"

Isto não era Benfeita. Isto aqui parece que era Valverde ou assim uma coisa. Depois é que foi Benfeita por causa da capela em cima, redonda. É que começaram:

- "É tão bem feita. Olhe para isto tão bem feita esta capela."

Pronto apanharam-lhe a capela, aquilo ao pé da torre. Tem lá a Senhora das Dores e o Senhor dos Passos que é um santo grande. Faziam aqui a procissão de Sexta-feira Santa, com o Cristo. Está lá, naquela capelita ao lado.

Aqui têm uma alcunha, mas não me lembra qual é. Cada terra tem seu nome, sua alcunha. Lá na Cerdeira chamam-lhe os "Alambazes". A alcunha deles é os "Alambazes". Os de Côja são os "Bezerros". A Dreia não sei que nome é que têm. Eu é que não me lembra já. Já vai há muitos anos, esquece.

A matança o porco

Era festa para a família. Matava-se o porco, convidava-se a família. Eu era o matador. Depois ao almoço comíamos todos. À tarde já faziam logo uma torresmada para comermos e febras assadas. Ao outro dia era uma torresmada feita com batatas e hortaliça. Depois era um cesto de bucho, cheio. Assim fazia logo e comia-se. E bebia-se uma pinga, não se bebia muito que também havia pouco vinho. Mas bebia-se bem que ainda se embebedavam. Assim passámos. Depois fôramos, andáramos, quando viéramos aqui para a Benfeita matávamos lá em baixo onde agora está uma pia à beira da estrada. Era uma pia, chamavam-lhe uma pia dos burros, onde bebiam os burros. Ainda lá está. Quando há adiante uma curva apertada e depois em baixo está a pia do lado esquerdo, no canto. Chama-se ali a pia dos burros. Burros e burras. Era para ter água e para aguçar as roçadoiras para se ir roçar o mato.

Um alqueire de milho para o barbeiro

Antigamente não íamos aos barbeiros, cortava o cabelo com uma tesoura, ficava às escadinhas. Não se ganhava para pagar ao barbeiro. E mais, os barbeiros só ganhavam um alqueire de milho por ano, para fazer a barba, de cada pessoa.

Também andava um ano, para um alqueire de milho ao fim do ano. Valia 9 escudos ou 10.

O dinheiro que havia mal era para comprar umas coisas para casa. Para se vender, vinha o milho e levavam. A vida nesse tempo era mais miséria que temos agora. Não se podia dizer nada que o Salazar cortava as orelhas à gente.

Um bom azeite

A apanha da azeitona ia-se em cima das oliveiras e apanhava-se. Uma por uma só. Aquele que apanhasse mais do que uma já era alambazado, comia muito. "Repigava-se"¹ para baixo com as mãos. A azeitona ia para o lagar para moer para o azeite. Havia aqui um por debaixo daquelas santas. Ainda lá está o lagar. Agora vão lá para Oliveira e para outros lados. Há outros lagares. Entrava a azeitona por um lado, saía azeite por outro. Aqui era moído, depois ia para prensa e os homens é que andavam a puxar à barra para o espremer. Mas não era pior o azeite.

Um Natal cheio de alegria

Um gajo aqui, às vezes, quando era pelo Natal é que íamos fazer as nossas paródias. Íamos ordenhar as cabras e comíamos ali com pão. Depois os donos a berrar que não tínhamos que ordenhar as cabras. Agora só fazem os cepos a queimar aqui. Se fazem mais alguma coisa não sei, não estou cá. É como a gente na Dreia também fazemos os cepos, caldo verde, chouriças e comemos. Agora aqui não sei. Outras vezes íamos assar bacalhau e fazer umas tibornadas. Ah tempo do caneco! Quem me dera desse tempo. Não é como agora, não há cá ninguém. Naquele tempo, as raparigas tinham muitos homens para escolher e eles muitas raparigas.

Havia dois ranchos. Era o do Manjerico e do Benfica. Ranchos grandes. E despiques que faziam pelo Carnaval. Eu dançava mas ia-me embora. A minha mulher é que era do Rancho do Benfica. Em primeiro era mulheres só. Mas agora era constituído por mocidade nova e era uma alegria que tínhamos aqui nesta terra. Iam também a Lisboa, à Casa da Comarca, iam para as festas. Ainda hoje cantam isso, mas agora acabou tudo.

¹apanhar a azeitona

"E a música está aqui todo o dia a tocar"

Padroeiro daqui é só a Senhora da Assunção. A festa é 15 de Agosto na capela. A Senhora das Necessidades é o primeiro domingo de Setembro. A festa do Santíssimo é pelo dia 10 de Junho, mais ou menos. Tem a capela do Senhor dos Passos e tem a escola ao cimo do povo. Cá há muitos santos.

As festas é com música e conjuntos. Agora até proibiram de botarem fogo nas festas. Há as procissões, com música. Mas a de Junho não tem arraial. É só missa e procissão. A outra é que tem três dias de festa. A procissão vai lá em cima ao pé da torre, ao pé da Senhora das Necessidades, passa a capela e vai ter à igreja. A música está todo o dia a tocar. Comem e bebem na Liga. Embebedam-se quem quer. Outros vão namorar aí para o meio dos milhos. Nesse tempo havia aí muito. Muita malta de noite era uma miséria. Naquele tempo deixavam andar aí tudo à solta. Depois vão tomar banho para a piscina. É para acalmar o calor.

A Torre da Paz

A Torre da Paz dá 1700 badaladas o dia 7 de Maio. Parece que começa às dez horas. Foi assim tratado. Foi o Salazar é que deu dinheiro para aquilo quando acabou a guerra. Aquilo quando chega àquela hora, todos os anos, dá as badaladas. É 1700, mas não dão as 1700 porque não aguenta. Dá aí 1200 ou 1400, assim uma coisa. Estavam com medo que aquilo caísse cá em baixo.

Queimar o gato

Queimar o gato é pelo São João e pelo São Pedro. Agora já não se usa. A gente é que usávamos primeiro. Era um ramo de rosmaninhos e um cântaro de barro, com um nagalho de palha lá em cima amarrado. Acendíamos cá em baixo uma fogueira de rosmaninhos, para queimar por ali acima a chama. Ainda não me esquece. Tinha eu 7 anos, estava na Portela, acabou o carro da carreira de noite que ia para lá. Estávamos lá no largo. Cá em baixo, o gato sai de lá com uma força bate com força na parede até deu um berro a fugir, coitadinho aflito. Aquilo a escaldar. Aquilo é que era medo do lume. Agora já não fazem disso. Mas isso é que eram paródias que fazíamos antigamente. Ele coitado tinha pouco do que se rir. Coitado do gato, sabe-se lá a aflição que ele teve. Gato ou gata já não me lembro. A gente andava-os a guardar que eram daqueles que andavam

a comer os pitos. Era ladrão. Nunca mais lá o viram. Não apareceu lá mais. Se calhar viu um poço à frente e foi para dentro do poço e tudo.

A gente não fazíamos brincadeiras. Íamos roubar o leite para depois irmos para o lagar, de noite pelo Carnaval. Depois comíamos com pão de trigo da padaria. Tinha uma padaria. Depois passou lá para baixo. Agora não há cá nenhuma. Está cá mas não faz aquele pão.

"Aqui ninguém podia descansar um minuto"

A roupa lavavam na ribeira, na ponte, ao pé do lagar. Iam lá em baixo lavar ao pé do moinho amarelo. Naquele tempo não havia detergente. Era sabão azul e água e a roupa era lavada. Juntavam-se às vezes. Iam quando podiam, que elas tinham que andar a girar, a trabalhar, de um lado para o outro. Aqui ninguém podia descansar um minuto.

Do milho ao moinho e do moinho à broa

O milho era semeado. Depois era ralado, sachado, arrancado, cortava-se-lhe a palha e as folhas e depois é que estava o milho criado. Quando era desfolhar o milho, quem apanhasse a espiga preta ia beijar as raparigas. Elas envergonhadas não queriam, diante dos pais. A gente já sabia, quando apanhavam a espiga ia logo beijá-las e abraçá-las, mas elas não queriam ser beijadas. Não fugiam porque tinham vergonha dos pais. Agora os pais não se importam, mas naquele tempo era bonito. Os pais tinham de se calar.

O milho ia para as arcas, para as tulhas e depois ia-se tirando para se moer, para cozer a broa. Era moído nos moinhos de pedra, como aqueles que estão em cima, na Fraga da Pena, e como está aqui em baixo. Era daqueles que anda em baixo o rodízio. Havia um moleiro que tinha aqui uma moenda e ia buscar milho à Cerdeira, a quem tinha milho, a uns e outros. Quem tinha moinhos, moía nos moinhos deles. O moinho era de muitos.

O milho dava para broa e pão. E o mais grosso para se botar para a ração dos porcos. Eram os carolos, aqueles que saíam a peneirar para fazer o pão. É peneirada a farinha, depois ficava mais fina. Aquela grossinha era para as lavagens, para os porcos comerem.

Amassava-se a farinha, levava o fermento e ia para o forno. Quem não tinha forno ia cozer aos dos outros. Havia aí muitos. Ao pé do museu estava lá um que era o do povo. Quem cozia lá pão era para todos. Tiravam uma broa para cada um. Antigamente, agora já não usam nada disso. Agora compra-se a broa. Eram

quatro e cinco a cozer, conforme as broas que fossem. Eram marcadas. Umas no cimo da broa metiam só um dedo, depois noutra já punham dois. Punha-se assim e já se conheciam. Pronto já se sabia. Sabiam de certeza que não se enganavam.

"Arrancava os dentes com um alicate desses cheios de ferrugem"

Para a dor de cabeça arranja-se um chá para tirar a dor. Não havia xaropes, faziam chá de erva cidreira, de laranjeira ou de limoeiro ou assim de ervas que havia. Curava-se até estar bom. Antigamente não era assim como agora. Os doutores não eram como agora. Chamava-se a casa e eles:

- "Toma lá isto. Vai-te embora."

E curava, agora não, agora:

- "Ai... Agora dói-me aqui, dói-me ali, dói-me isto."

Aqui não há médico nenhum. Até havia aí dois barbeiros, dois médicos. Isso já morreram há mais de sei lá quantos anos, desde que lhe chegou a morte. Curavam com chás. Também havia umas ventosas, que eram uns copos que se tinham para aí. Uns copos que havia altos e redondos. Aquilo colava e chamavam ventosas. Tinha aí um que arrancava os dentes com um alicate desses cheios de ferrugem. Já morreu há tanto ano, mas ele ainda era inteligente. Uma vez, andava a apanhar azeitona para ele ao pé do cemitério e disse:

- Onde é que você vai Zé Maria?

- "Vou ali ao tio Joaquim Prata. Ele está muito mal, então vou lá vê-lo."

Depois eu:

- Então como é que está o tio Joaquim?

- "Carlos, olhe que ele não pode durar até às onze horas da noute. Onze horas e ele morre."

E morreu, o velho. Arrancava os dentes com o alicate, com a turquesa cheio de ferrugem. A sangue frio. Fosse agora... Desinfectar? Só os burros é que se desinfectam. Não era preciso desinfectar. Iam aos bagaços, ficavam logo bons.

Lugar *Uma aldeia cheia de atracções*

"Quem não quem tomar banho senta-se na praia"

Temos o caminho do xisto, ao pé da Senhora das Dores. Em baixo da capela é o caminho do xisto que vai lá para cima.

A água vem da Mata da Margaraça. Vem do sítio do xisto, desaguar aqui. Vem para lá dos Pardieiros, daquela mata antes de chegar aos Pardieiros. Está lá um barroco que cai lá água para baixo, aí é que nasce este rio. A piscina é para tomar banho. Quem não quer tomar banho senta-se na praia. É fechado, aquilo tem uns ferros que encaixam ali umas tábuas largas, para vedar bem a água. Está aqui até Setembro. Quase até ao fim de Setembro ainda há muito para tomar banho. Há muita gente a tomar banho.

No Verão é só turismo. Este Inverno tem sido pouco que a chuva é muita. Lá "ralo"² é o dia que quando o tempo está bom não passam aí duas e três camionetas. Ao domingo e pela semana adiante. Aí "pia cima"³ para ir ver a Mata da Margaraça, a Fraga da Pena. Depois vão para o Piódão. Até ao Monte Frio.

Gostava eu de ver muita gente na minha terra. Que aqui é que é a minha terra agora. Então não gostava! Para ver se aqui a freguesia da Benfeita começava a ter muita gente que eu gostava de ver cá.

Fontes de água, fontes de vida

A Fonte das Moscas é o nascente da água. Quem quiser pode lá beber. Os ingleses que estão cá só querem água dali. São mais fidalgos que a gente que bebe da rede. Vão lá buscar só para beber. Quando estava aqui eu também ia lá buscar sempre garrafas. Lá chamam a Quinta das Moscas, ficou o Chafariz das Moscas. Nasce ali água de uma mina que está ali "pia fora"⁴. Mas é boa. Tem uma bica só, não tem torneira. No Verão está gelada.

Quotidiano *Um dia-a-dia calmo*

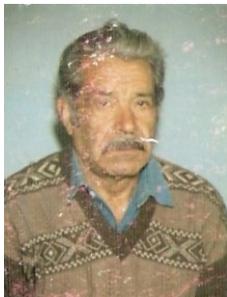
Agora levanto-me e vou comer. Já não é mau. Não faço mais nada. De noite também é para dormir só. Pior é que algum dia me deito para dormir e já não acordo. Mas se calhar era a minha sorte. Não sofria.

Eu não jogo cartas. Só vejo televisão. Às vezes, jogo um bocadito de dominó. Não faço nada. Eu sou um utente qualquer. Só venho, às vezes, ver a minha Rita que é como seja da família. Ela e o pai. Volta e meia vou ver onde estão os meus pais e os meus sogros. Têm lá uma sepultura e eu vou lá.

²raro

³por aí acima

⁴por aí fora



Carlos Rosário de Almeida , com 60 anos (1989)

Sonhos A família sempre em primeiro

Com 80 anos agora o que é que eu sonho? Tomara eu ver ainda mais uns anitos os meus netos, os meus bisnetos e os meus filhos, mais nada.

Avaliação "Oxalá que vocês daqui a um ano cá voltem"

Acho que isto é bem feito, devia ter sido feito há mais anos, para depois voltarem cá outra vez e ainda encontrar gente. Oxalá que vocês daqui a um ano cá voltem e ainda me encontrem cá.